

III Fórum de discussão: Parâmetro Balizadores da Pesquisa em Educação Matemática no Brasil

GD3: Pesquisa em História na/da Educação Matemática

Acervos e Arquivos na cidade do Rio de Janeiro: possibilidades para a pesquisa em História da Educação Matemática

Flávia Soares
Universidade Federal Fluminense
flasoares.rlk@gmail.com
flasoares.uff@gmail.com

Resumo

Em seu conhecido artigo *A Cultura Escolar como objeto histórico*, Dominique Julia afirma que “o historiador sabe fazer flechas com qualquer madeira” (2001, p.17). Felizmente quando essa madeira é de boa qualidade e farta o historiador tem a possibilidade de ter em suas mãos muitas possibilidades para tentar (re)construir o passado. A cidade do Rio de Janeiro, capital do país entre 1763 e 1960 teve primazia em muitos investimentos na área de educação com a criação das aulas de primeiras letras em 1760; da primeira *Aula de Comércio* em 1809; da *Academia Real Militar* em 1810 com o primeiro curso de Matemática superior do Brasil; do primeiro estabelecimento de ensino secundário público, o *Colégio Pedro II*, em 1837, entre outros. Nesse sentido, é fato que o Rio de Janeiro é um foco privilegiado de análise por sediar importantes instituições que mantêm acervos sobre vários acontecimentos importantes aqui passados. Dentre elas podemos citar a *Biblioteca Nacional*, o *Arquivo Nacional*, o *Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro* além de outras bibliotecas e instituições que mantêm seus próprios arquivos de diversos tipos como a *Fundação Getúlio Vargas* e o próprio *Colégio Pedro II*, por meio de seu Núcleo de Documentação e Memória (*NUDOM*). O presente trabalho tem como objetivo apresentar algumas possibilidades de pesquisa em História da Educação Matemática que podem ser realizadas nessas instituições tomando o Rio de Janeiro como foco de análise e as pesquisas da autora como exemplos.

Palavras-chave

História da Educação Matemática, Acervos e Arquivos, Rio de Janeiro, instituições escolares, século XIX.

Realizando pesquisa em história da educação matemática há algum tempo, desde o mestrado concluído em 2001, já vivenciei algumas situações de dificuldade que outros tantos pesquisadores vivenciam no processo de coleta de material de

pesquisa. Por outro lado também tive surpresas em encontrar locais e materiais adequados e acessíveis às pesquisas que venho desenvolvendo e que resolvi compartilhar neste Fórum.

Dessa forma, o que ora apresento pode ser compreendido como um relato de minha experiência em acervos e arquivos públicos¹ especialmente localizados na cidade do Rio de Janeiro a fim de evidenciar o potencial desse tipo de material para a pesquisa histórica.

Assim, falo dos locais do Rio de Janeiro em que é possível localizar materiais para pesquisa histórica e de algumas de minhas dificuldades de acesso a eles na minha trajetória de pesquisas.

No meio do caminho ...

Em outra ocasião (SOARES, 2006) me referi ao fato de que fazer pesquisa histórica e localizar fontes para pesquisa não é fácil. Mas gostaria de frisar aqui que fazer pesquisa histórica no Brasil é bastante difícil, mesmo quando se tem à disposição um bom acervo, como é o caso do Rio de Janeiro. É surpreendente verificar que ao buscar por documentos brasileiros na web eles estão totalmente disponíveis e organizados em um site da Universidade de Chicago, bem antes de estarem disponíveis em órgãos brasileiros.

Munteal Filho faz uma analogia interessante aos jovens pesquisadores que iniciam sua trajetória em instituições de memória.

O trabalho do historiador no interior do Arquivo pode lembrar um autêntico jogo de dados. A aposta no tema não deve se assemelhar a um cassino. Os dados que são recolhidos paulatinamente referem-se não a uma busca aleatória, mas sim a um esforço de investigação acerca das várias possibilidades de enfrentamento do problema a que se propõe o pesquisador. O jogo não precisa se constituir numa disputa de cartas marcadas. É necessária uma abertura do pesquisador para uma eventual mudança de rota diante do material encontrado. Uma fonte em princípio fora do interesse mais imediato da pesquisa

¹ Pela Lei 8159 de 08 de janeiro de 1991 os arquivos públicos são definidos como “os conjuntos de documentos produzidos e recebidos, no exercício de suas atividades, por órgãos públicos de âmbito federal, estadual, do Distrito Federal e municipal em decorrência de suas funções administrativas, legislativas e judiciárias”.

não significa fracasso total da busca, mas sim um teste considerável [...] à singularidade de suas hipóteses (1998, p. 278).

Quando comecei minhas pesquisas para a dissertação, tive várias dessas dificuldades: identificar o objeto de pesquisa, verificar que tipo de fonte poderia me ajudar nas respostas das perguntas que eu tinha, localizar as instituições que eu deveria ir para obter os dados de que necessitava. Esses primeiros questionamentos me levaram em direção ao acervo da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro.

Durante o mestrado foi bastante penoso perceber que uma das principais instituições depositária de jornais e revistas de todo o país, referência para pesquisadores de todas as áreas, que é a Biblioteca Nacional, tem condições precárias para pesquisa. A Biblioteca Nacional, importante biblioteca do país, foi fundada em 1810 e organizada a partir da livraria trazida por D. João VI e de outras bibliotecas de nobres e clérigos (RIOS FILHO, 2000). Lá se encontram um acervo de livros, jornais em forma de microfilme e em papel, iconografia, entre outros, dispostos em um acervo comum e outro de obras raras.

Grande parte do acervo de periódicos da Biblioteca Nacional está agora disponível digitalmente o que facilitou enormemente a vida de pesquisadores que podem ter acesso remoto as obras. Mas para quem, como eu, que recentemente fez pesquisa em periódicos em forma de microfilme, a memória ainda remete a uma experiência de pesquisa bastante dura. Os problemas começam pelo horário de funcionamento reduzido no final de semana, falta de profissionais especializados, máquinas defeituosas, ambiente pouco iluminado, alto custo das fotocópias, além de problemas na própria microfilmagem do acervo, coisas das quais já me queixei também e que não ocorrem somente na Biblioteca Nacional.

Na Biblioteca Nacional, o grande acervo de jornais e revistas me foi útil em duas ocasiões: durante o mestrado em que pesquisei sobre o Movimento da Matemática Moderna no Brasil, entre 1999 e 2001; e mais recentemente em 2012 e 2013, em um projeto sobre a imprensa periódica do século XIX financiado pela FAPERJ.

Na primeira ocasião, não era raro o cansaço advindo de um dia inteiro de buscas por um artigo nas páginas de jornais usando as antigas e precárias máquinas de visualização de microfimes. Em muitas ocasiões a busca era prejudicada e demorada

em que páginas estavam fora de ordem ou manchadas e o trabalho de cópia era interminável. Em poucas ocasiões me foi possível fazer solicitar cópias dos microfiches o que me custava um bom dinheiro da bolsa recebida pela CAPES.

Como lembra De Luca (2005), na década de 1970 ainda era relativamente pequeno o número de trabalhos que se valiam de jornais e revistas como fonte e embora houvesse o reconhecimento da importância desses impressos, eles eram ainda subutilizados como fontes para a pesquisa histórica. A autora ainda observa que após de alguns estudos importantes feitos sobre a História da imprensa e por meio da imprensa, o jornal passou a ser reconhecido e valorizado como material de pesquisa relevante para o estudo de uma época.

Outra autora, Maria Helena Capelato constata que a imprensa registra, comenta e participa da história, possibilitando ao historiador acompanhar o percurso dos homens pelos tempos (1988). E também na Educação, esse tipo de registro se mostra importante para a recuperação da evolução factual, de polêmicas, de reformas, e de aspectos do cotidiano escolar.

Na pesquisa que realizei na Biblioteca Nacional tinha como tema o Movimento da Matemática Moderna (MMM) no Brasil. Pelas páginas dos jornais da época foi possível acompanhar desde o surgimento das primeiras ideias do MMM até seu declínio. Uma coisa interessante foi constatar a quantidade de notícias sobre educação nos jornais, coisa muito menos frequente nos jornais de hoje em dia. Dessa forma, as notícias publicadas nos jornais possibilitaram que as ideias da Matemática Moderna estivessem acessíveis não só aos professores, público mais interessado no assunto, como ao público comum, como os pais e cidadãos comuns.

Em particular, os artigos a que tive acesso eram principalmente da imprensa dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro que desempenharam um papel de destaque nessa divulgação. Dentre os jornais mais representativos para a difusão de artigos e informes, a respeito da Matemática Moderna estão a Folha de São Paulo, o Estado de São Paulo, O Globo, e o Jornal do Brasil que acompanharam as várias fases do desenvolvimento do Movimento.

Atualidade Científica

GEEM trabalha pela matemática

O Grupo de Estudos de Ensino da Matemática - GEEM... A origem do GEEM remonta a 1948, quando foi fundada a Comissão de Matemática do Conselho Nacional de Ensino...

PUBLICAÇÕES

Reunido há pouco das reuniões para a Comissão de Matemática do Conselho Nacional de Ensino, o GEEM deu a publicação de um novo trabalho...

Matemática com método é fácil e não assusta mais

Um sonho das crianças de todo o mundo aos poucos vai sendo realizado com um novo método de ensinar Matemática sem números, sem regras rígidas e sem atropalhões.

A criança passa a resolver problemas como se escalasse um time de futebol ou chupasse um picolé, pois a Matemática moderna é divertida, simples e justamente o contrário da Matemática tradicional.

Os países de cultura mais desenvolvida que a têm empregado — segundo o professor Osvaldo Sangiorgi, que antecedeu iniciou um curso de Matemática moderna para professores — chegaram a espantarem-se com o interesse que a criança demonstra pela matéria.

gado para ensiná-la, remontando a eras de antes de Cristo, não mais se justificam nos tempos atuais. Lembrou que os professores de hoje ensinam apenas a técnica e os alunos, se compreendem, não entendem porque estão estudando o assunto.

Em seguida lembrou que a Matemática moderna surgiu em 1952, quando dois grupos de matemáticos, de Burbuqui e de Piaget, descobriram "o universo que rege a mente de cada um de nós". Concluiu-se, então, que a criança, para entender perfeitamente a Matemática, "precisa jogar no campo dela" e ser ensinada por método que saiba penetrar a sua estrutura mental.

Esta época aos dias atuais foram-se aperfeiçoando os métodos de ensino e sua eficiência tem sido comprovada por países que os empregam. A criança passa a não mais temer a matéria.

PROXIMAS AULAS
As próximas aulas sobre o assunto serão realizadas hoje e nos dias 24, 26 e 31, no Colégio Renascença. As inscrições já foram encerradas, porém a entrada é franqueada aos interessados. As aulas são dadas às 20 horas.

NO RENASCENÇA

Na noite de antemão no Colégio Hebraico-Brasileiro Renascença, teve início o curso promovido pelo Grupo de Estudos de Ensino da Matemática e o professor Osvaldo Sangiorgi deu a primeira aula.

De início lembrou o horror que as crianças demonstram pela Matemática, exatamente pelo fato de o método empre-

O ensino da Matemática
CÉSAR DA CORSO NETTO
Ná há momento uma grande preocupação com o tipo de ensino da Matemática, dita moderna, ensinada atualmente em muitos institutos de ensino...

Quinze anos de matemática
Câncer de estômago exige mais atenção
Palestras, cursos e congressos

Figura 1 - Amostra de jornais usados na pesquisa de mestrado

Em outra ocasião mais recente a pesquisa foi realizada no acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Desta vez a pesquisa teve-se como objeto de análise as revistas pedagógicas e os artigos por elas publicados que tratassem de questões voltadas ao ensino de Matemática durante o século XIX. O objetivo era identificar que tipo de artigos/textos eram publicados nos periódicos selecionados e identificar as demandas e sugestões dos professores para o ensino de Matemática.

2 Pesquisa na modalidade APQ 1 financiada pela FAPERJ.



Figura 2 – Hemeroteca Digital (<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>)

Em um primeiro momento, durante a elaboração do projeto, fui a Biblioteca Nacional para verificar os periódicos disponíveis. Nessa ocasião a hemeroteca ainda não estava com os textos disponíveis. Em princípio, selecionei alguns periódicos: *A instrução pública*; *A verdadeira Instrução Pública: órgão dos professores públicos de instrução primária da corte*; *A Escola: revista brasileira de educação e ensino*; *Instrução Nacional: revista de pedagogia, ciencias e letras*; *A Sentinella da Instrução: jornal destinado a acompanhar os progressos da instrução primária e secundária no Brasil e a defender os interesses da mocidade estudiosa*. Entretanto, como apontou Munteal Filho (1998) na citação foi necessária uma mudança de rota diante do material encontrado. Assim, concentramo-nos somente em parte dos jornais inicialmente selecionados.

Depois da aprovação do projeto, tive a grata surpresa de o site da Hemeroteca já estar funcionando e os jornais que havia selecionado para a pesquisa disponíveis. A experiência com o acervo digital da Biblioteca Nacional foi bem mais agradável com a possibilidade de acessar os documentos sem sair de casa. Sem dúvida, esse recurso favorece o pesquisador que pode dedicar mais tempo a própria pesquisa do que ao ir e vir à fonte *in loco*.

Em outros projetos realizei visitas aos dois dos principais arquivos da cidade: o *Arquivo Nacional (AN)* e o *Arquivo da Cidade do Rio de Janeiro (AGCRJ)*.

O AN tem condições razoáveis de pesquisa, mas ainda mantém muitos dos recursos nos moldes antigos. Isso quer dizer pesquisa em fichas de papel. Isso torna o trabalho duplamente trabalhoso. Para realizar pesquisas no Arquivo Nacional é necessário comparecer ao arquivo e reservar o que se deseja consultar. Esse documento estará disponível para pesquisa em alguns dias o que faz como que você tenha que retornar para ler o que reservou. Um problema que ocorre frequentemente é que nem sempre o que está escrito na ficha catalográfica corresponde ao que você realmente deseja.

Realizei pesquisas no AN para a pesquisa da tese de Doutorado e tive a possibilidade de ter parte da documentação que desejava por meio de um serviço de digitalização que estava disponível na época a preço irrisório. Ingenuamente, contei que aquele recurso estaria disponível em outras ocasiões. Quando retornei não havia mais esse recurso a minha disposição. Felizmente o Arquivo Nacional permite que o pesquisador leve seu próprio equipamento e tire fotos do material que deseja. Entretanto, a iluminação é precária, os grandes livros e páginas costumam “não caber na foto”, o pesquisador não é um fotógrafo profissional e as imagens captadas ficam muitas vezes tremidas ou ilegíveis.

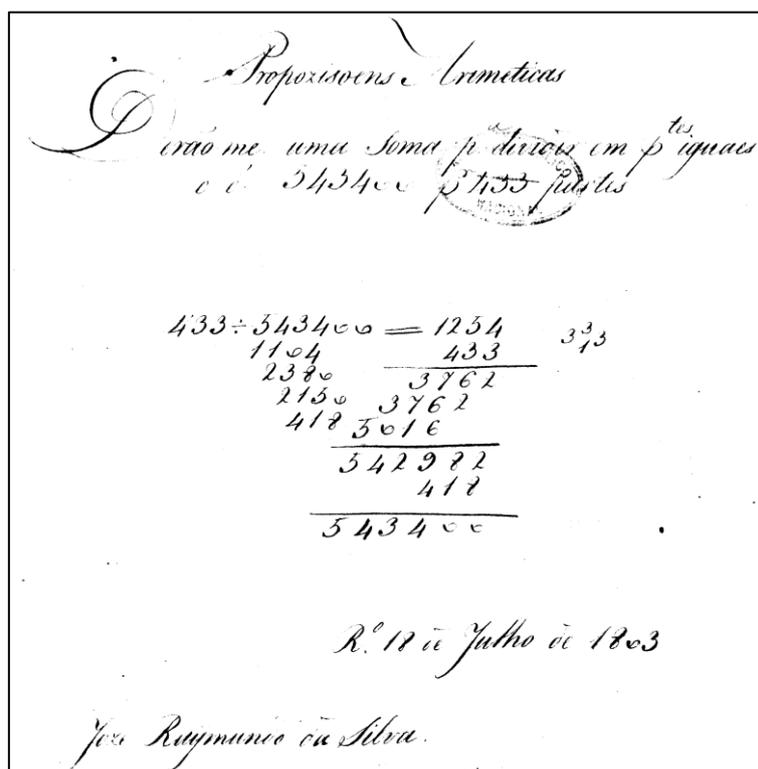


Figura 3 – Documento do Arquivo Nacional utilizado em Soares (2007)

Em outra pesquisa (SOARES, 2013) sobre a Escola Normal da Corte tive eu mesma que capturar as imagens, que nem sempre ficaram tão boas quanto eu desejava.

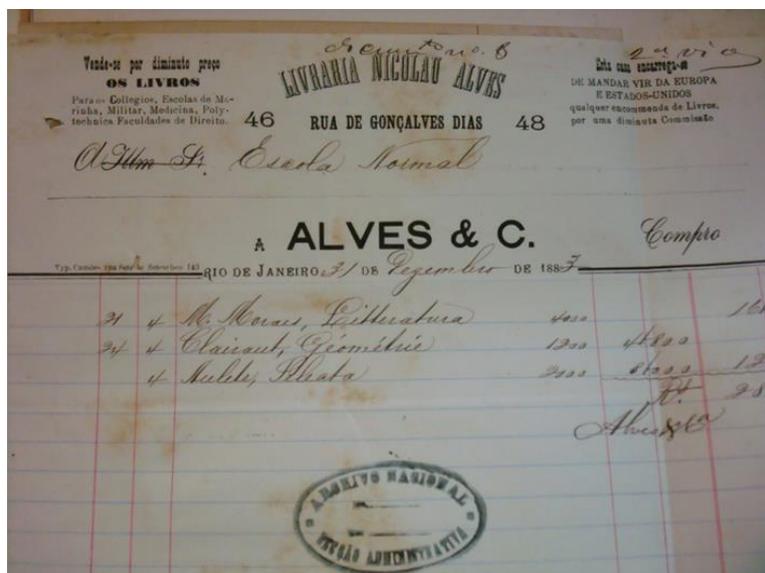


Figura 4 – Documento do Arquivo Nacional utilizado em Soares (2013) – nota fiscal

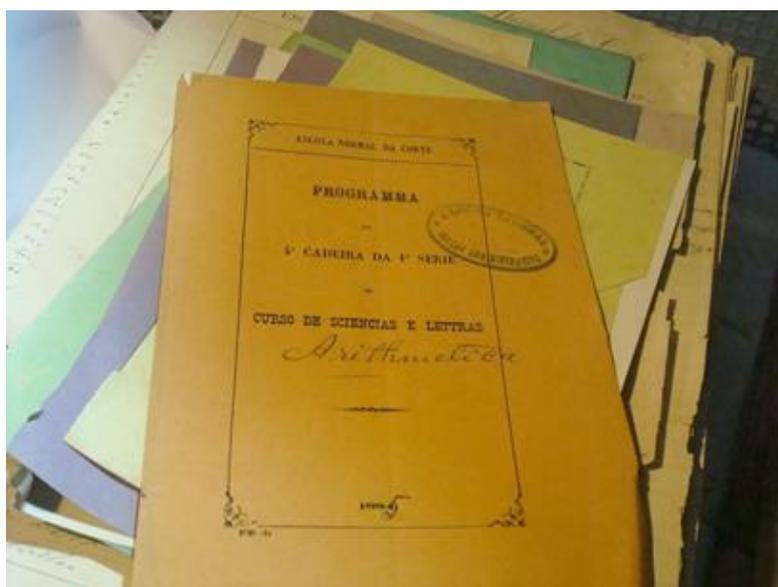


Figura 5 – Documento do Arquivo Nacional utilizado em Soares (2013) – programas de ensino

Feitas as imagens, resta ainda um último obstáculo, decifrar a caligrafia nem sempre amigável e realizar a transcrição dos documentos. Como lembra Bacellar (2005) a leitura paleográfica exige que se tenha noções de como se produz o conhecimento para essa leitura “mas sem o recurso a um aprendizado formal é possível alcançar boa qualidade de leitura com um pouco de esforço pessoal” (p.58). Ainda como menciona o autor “o aprendizado passa sempre pela percepção dos vícios

da escrita, dos erros de ortografia, ou da grafia diferenciada em relação ao português moderno”.

A guisa de conclusão

Na área de Educação Matemática, quem se dedica aos estudos históricos e deseja realizar pesquisas em arquivos, infelizmente é inexistente qualquer tipo de preparo ou curso para a realização desse tipo de trabalho. Resta-nos pesquisar mais a respeito e contar com a experiência de outros que já enfrentaram a mesma seara. Alguns objetos também são bem vindos: lupa, máscaras, luvas. Outra dica é procurar alguns cursos e frequentar também eventos da área de Arquivologia que tem outro olhar sobre os documentos e os acervos.

Para terminar vale lembrar as palavras de Oswaldo Munteal Filho quando fala também de suas experiências de pesquisa em arquivos:

Não existe um modelo único a ser seguido quando se trata de consultar um arquivo e penetrar no seu acervo. A intimidade com a pesquisa vai sendo construída à medida que o investigador define o seu tema: domina as leituras de apoio; exibe uma certa consistência teórica; é capaz de manter constantemente a dúvida acerca das suas hipóteses de trabalho; e, finalmente, talvez nesse caso o elemento mais importantes para aquele que inicia a sua trajetória [...], promove a dessacralização da fonte (1998, p. 272)

Referências

BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.) **Fontes históricas**. São Paulo, SP: Contexto, 2005.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e História do Brasil**. 2. ed. São Paulo, SP: Contexto, 1998.

DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo, SP: Contexto, 2005.

MUNTEAL FILHO, Oswaldo. O historiador e os arquivos. In: MATTOS, Ilmar Rohloff de. **Ler e Escrever para contar**: documentação, historiografia e formação do historiador. Rio de Janeiro: Acess, 1998.

RIOS FILHO, Adolfo Morales de Los. **O Rio de Janeiro imperial**. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

SOARES, Flávia. Fontes para a história da educação matemática: imprensa e a matemática moderna. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 6, n.18, p.65-77, maio./ago. 2006.

SOARES, Flávia dos Santos. O ensino de matemática na Escola Normal da Corte (1876-1889). **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 54, p. 128-143, dez 2013.

SOARES, Flávia dos Santos. **O Professor de Matemática no Brasil (1759-1879): aspectos históricos**. Rio de Janeiro, 2007. 172p. Tese (Doutorado em Educação) - Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.